



HOMEM CHORA OU NÃO CHORA: UM ESTUDO SOBRE A EXPRESSÃO DO AFETO NA CONSTRUÇÃO CONTEMPORÂNEA DA MASCULINIDADE

Joni Von Silva de Lima¹
Juliana Barbosa Lins de Almeida²

Introdução

Segundo Alves (2004), o que se percebe em nossa sociedade, é que padrões de gênero são construídos mesmo antes do nascimento do bebê, uma vez que haverá, inevitavelmente, uma adequação a modelos de feminilidade e masculinidade já estabelecidos. Conceitos históricos e culturais atravessam o sujeito, que formará sua imagem do que é ser homem, quais os atributos e as qualidades necessárias para construir determinado padrão de masculinidade. Entre esses muitos (pré) conceitos acerca do que constitui ser homem, há um ditado popular que anuncia que “homem não chora”.

O objetivo deste trabalho foi analisar o quanto essa crença está arraigada na constituição da masculinidade e até que ponto forja homens que se encontram impossibilitados de cuidar de seus afetos, receosos de ir contra ao padrão estabelecido do que se compreende, na nossa cultura, por “homem de verdade”. Os homens, pela cultura patriarcal, foram e ainda são criados sob o dogma do sexo forte, mesmo quando isso implica em sacrificar a saúde, o bem estar e até seus desejos pessoais. Para tanto, a partir das músicas “Guerreiro menino” (Um homem também chora) de Luiz Gonzaga Júnior (Gonzaguinha) e “Homem não chora” de Frejat, foi traçado um paralelo entre as diferentes formas de encarar a expressão masculina do choro/afeto, através de um grupo focal com alunos do curso de Psicologia e da utilização de métodos da teoria sicionômica proposta por J. Moreno (apud Almeida, 2008).

Desdobramento de uma construção: a história no masculino

A crença de que homem de verdade não chora, não demonstra fraqueza, nem sentimentos está profundamente disseminada em nossa cultura, trazendo conseqüências às vezes prejudiciais para homens e mulheres que sofrem com esses modelos estabelecidos de masculinidade e feminilidade (CASTAÑEDA, 2006). Os heróis mitológicos e religiosos têm em comum, características como força e bravura, nunca falham, nem demonstram fraqueza ou indecisão. Numa

¹ Psicólogo, Faculdade do Vale do Ipojuca

² Doutoranda em Psicologia Social – UFPB, Mestre em Psicologia – UFPB, Psicodramatista – FEBRAP e Psicóloga.



sociedade patriarcal, esses mitos surgem cercados pelo brilho do poder, mas essa imagem gloriosa muitas vezes aparece contaminada por aspectos sombrios ou, por vezes, marcada surpreendentemente pela fragilidade. Assim, os homens desde criança incorporam atitudes e gestos “viris” para compensar essa fragilidade (ADLER, 1984, apud, CASTAÑEDA, 2006, p.63). Os heróis mostram como o ideal de masculinidade atravessa todos os tempos com a mesma mensagem: ser forte, valente, destemido e não demonstrar fraqueza, para ser homem.

A história, segundo Bourdieu (2002), foi construída a partir do homem. Valores, mitos e instituições religiosas foram edificados com o objetivo de preservar e manter a ordem patriarcal. Toda possibilidade de variação cultural, estaria fatalmente vinculada aos valores patriarcais. Mitos e heróis acabam por ratificar as idéias de homem ideal, com uma superioridade muitas vezes difícil de sustentar.

A partir da visão essencialista, todo o modo de agir e de sentir do ser humano estaria mais ou menos determinado por sua essência, pautada na natureza. Castañeda (2006) enumera alguns argumentos, que segundo essa visão seriam provas que justificariam como normais e imutáveis a forma de se comportar de homens e mulheres. O primeiro seria a questão hormonal, que em diferentes níveis entre homens e mulheres desenvolveriam aptidões e gostos diferentes. Assim, a testosterona seria o responsável pela agressividade masculina. Deste modo, o comportamento sexual também seria justificado pela possível maior necessidade de sexo, justificando assim a infidelidade masculina. O maior porte físico garantiria ao homem o direito de subjugar a mulher, até porque ela precisaria dele para protegê-la.

As teorias que têm suas teses provadas ou evidenciadas na perspectiva essencialista são muitas vezes utilizadas para ratificar pensamentos e ideais machistas.

Concepções Sociais e Culturais na Construção do Masculino

Para Silva (2001), o Patriarcado tem aproximadamente cinqüenta mil anos, época em que a sociedade deixa de ser coletora e passa a sobreviver da caça. Segundo Beauvoir (1970), devido a seu maior porte físico o homem sempre levou vantagens em algumas atividades vitais para a sobrevivência e por esse motivo subjuguou a mulher. O patriarcado é uma forma de organização social que enaltece a superioridade masculina e a submissão das mulheres.

A dominação masculina teria se iniciado com a apropriação do homem da esfera pública, por meio da caça e de atividades que exigiam um maior esforço físico: “A figura de provedor e protetor que já se esboçava no estágio anterior, o da sociedade de caça, tornou-se de fato o dono da



mulher.” (SILVA, 2001, p.52). Depois de dominar a mulher e propriedades o homem teria se lançado na busca por poder e imposição da sua vontade e desejos sobre outros. Junto com a caça, as relações do ser humano e seu meio ambiente se tornaram mais hostis e surgiu também a propriedade: de terra, de alimento e da mulher.

Essa maneira de ser homem, dominar as mulheres e conquistar o poder foi ao longo do tempo se estabelecendo e uma questão acabava levando a outra: ter muitas mulheres era sinal de poder, e ter poder e propriedade era garantia de ter muitas mulheres. Essa busca definiu o que a sociedade entendia por homem. Até hoje, os homens tentam a todo custo sustentar essa supremacia, mesmo que isso signifique negar algumas necessidades. Esse modelo de construído e sustentado ao longo do tempo gerou como pano de fundo a agressividade e violência para garantir poder e força, que também se tornaram pré-requisito na construção do papel masculino. Para Silva (2001) a insegurança e sensação de incapacidade levariam muitos homens a agirem de forma violenta numa tentativa de camuflar e esconder sentimentos de inferioridade ou a maneira como realmente se enxergam. De acordo com o autor, a mulher é coisificada, pela necessidade que os homens sempre tiveram de apropriar-se delas e de sua sexualidade.

O olhar da história é capitado pelo viés masculino, atestando que esta foi escrita pelas mãos de homens, perpetuando a dominação masculina e mantendo o ideal do patriarcado com seu discurso da superioridade do homem, a história da mulher passa a ser uma sombra da história oficial, segundo Colling (2004).

Para Lins (2007), as conquistas femininas começaram com o direito ao voto, mas quando passaram a incluir a liberdade sobre seus próprios corpos, surge a reação masculina para manter a organização anterior, esse movimento que possibilitou a uma igualdade entre os sexos (pelo menos em alguns aspectos), acabou assustando alguns homens que passaram a se sentir ameaçados e inferiorizados pelas mulheres (SILVA, 2001). Com o lançamento da pílula anticoncepcional as mulheres, viram a possibilidade de viver livremente a sexualidade, esse foi um ponto crucial para o mal-estar masculino, uma vez que somente eles tinham direito a viver uma sexualidade livre. Surgiu muitas vezes a violência física, verbal e social contra as mulheres como tentativa de abafar as mudanças (LINS, 2007). É pelo fato de estarmos inseridos no discurso patriarcal da superioridade masculina que alguns homens não conseguem conceber outra forma de organização social que não seja a já estabelecida.

O mal-estar masculino: há lugar para a dor masculina?



O ideal de masculinidade é culturalmente imposto, conforme afirma Lins:

“O homem, a vida inteira, deve estar atento e mostrar que é homem, deve ter atitudes, comportamentos e desejos masculinos. Qualquer variação no jeito de falar, andar e mesmo sentir, e sua virilidade é posta em dúvida. Assim como a feminilidade, a masculinidade foi construída a partir do surgimento do patriarcado”³

Existe um campo, no entanto, que as conquistas femininas superaram as masculinas: o campo das políticas de saúde pública. Segundo Braz (2005), isso se deve a fatores culturais e está atrelado ao velho jargão de que “homem é o sexo forte” e por isso não necessita de cuidados como a mulher.

Mitos como “homem não chora”, parecem querer dizer também que o homem não se cuida e que esse presumido cuidado é coisa de mulher ou de homem considerado fraco ou ainda percebido como homossexual. Braz (op. Cit.) alerta que o descuido do homem com seus afetos e até com a saúde, parece ser uma constante manutenção do ser homem, mas tem suas conseqüências. “Atualmente, ser do sexo masculino é o maior fator demográfico, para morte prematura” (NESSE apud BRAZ, 2005, p.99).

Silva (op. cit.), mostra o quanto esta superioridade na verdade esconde sentimentos de fragilidade, desamparo e inferioridade. Assim, poderíamos pensar num mal-estar masculino que se instaura quando o homem sente que precisa se mostrar forte, demonstrar sua masculinidade aos outros e a si mesmo. Segundo Alves (2004), a cultura determina a questão de gênero desde a infância, nas palavras do autor: “Este padrão sexo/gênero ocorre desde antes o nascimento, já que o bebê, sem liberdade de escolha, vai ter que se adaptar aos padrões da feminilidade ou masculinidade.” (ALVES, 2004, p.09).

Cechoetto (apud Vicente & Souza, 2006), alerta que os modelos de masculinidades, embora admirados por muitos, dificilmente sejam seguidos pelos homens, percebe-se que os padrões masculinos encontram-se em processos de mudança e os homens sentem-se geralmente desorientados. Chorar parece assumir o aspecto de fraqueza, que por ser tão diferente do que se espera do homem provedor, forte e com apetite sexual ilimitado acaba entrando na lista dos itens proibidos para o homem. Os avatares da masculinidade exigem alguns sacrifícios, mas alcançar essas exigências parece garantir privilégios sociais, entre eles respeito e admiração, afirma Alves (2004).

Outra forma encontrada para expressar esse choro talvez seja pela via das drogas (GIKOVATE, 1992), assim como a violência, as drogas podem dar vazão a um sofrimento que

³ LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda*: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo. Edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Bestseller, 2007, p.151.



muitas vezes não é falado. Será que a repressão do choro/afeto encontra sua expressão maior na imposição de dor no outro? Se “*todo mundo sabe que, homem não chora*”⁴, então ele faz chorar? O problema parece estar em ser a expressão do choro/afeto tão necessário, mas tão negligenciado em nome de um ideal de masculinidade, que aparentemente só serve para sustentar sofrimento (BRAZ, 2005).

Resultados e discussões

Os resultados, assim como as discussões apresentadas aqui se referem à experiência realizada com dezessete estudantes de Psicologia de uma faculdade particular num grupo focal, sobre o questionamento: “Homem chora, ou não chora?”. Foram apresentadas três imagens, como forma de aquecimento para o tema proposto. A primeira mostrava um homem sentado num banco com a cabeça abaixada entre as duas mãos. Na segunda imagem, um ator conhecido chorava visivelmente desesperado e na terceira imagem, um homem fazia a barba com uma serra elétrica. Cada participante escolheu uma imagem. Segue alguns comentários sobre as figura:

“Achei que fosse uma mulher, não é muito comum ver um homem neste estado, parece mesmo uma mulher.”
(Primeira imagem)

“-Para um homem estar assim acho alguém morreu.” (primeira imagem)

Podemos perceber as representações bem definidas dos papéis de homens e de mulheres, pois a percepção da aparente tristeza não remeteu a um homem. Conforme afirma Castañeda(2006), demonstrar fraqueza e chorar são coisas proibidas para os homens, que diante da urgência do que sentem, acabam, muitas vezes, expressando seus sentimentos por meio da violência. Essa dificuldade faz com que as pessoas que convivem com homens que agem assim não se sintam amadas. Em relação à segunda imagem, algumas pessoas se pronunciaram da seguinte maneira:

“-O choro está contido, ele está sofrendo por não querer expor.”
“-Mas a expressão de seu rosto, está buscando sensibilidade.”

No segundo momento, foram distribuídos entre os alunos as letras das músicas “Guerreiro menino” e “Homem não Chora”. Alguns comentários:

“-Achei muito interessante a música Homem não chora, o homem não pode demonstrar ser sensível, não pode demonstrar que é inferior e afirma que não chora, mas chora.”
“-Concordo que é um desabafo, mas homem tem que manter a pose de forte, é uma necessidade.”
“-Eu choro, mas é raro.” (Homem)

⁴ Trecho da música *Homem não chora*, de autoria de Frejat. Esta será utilizada como instrumento de pesquisa como grupo alvo.



Somente em alguns casos, como morte o choro masculino seria permitido. Braz (2005), alerta que os homens, geralmente, só procuram cuidar de si em casos extremos. Algumas falas parecem confirmar isso:

“-Eu tinha um namorado que só dizia que me amava e só chorava, quando estava muito bêbado e por telefone.”
“-O meu pai morreu muito doente, mas nunca chorou, nem reclamou de nada.”

Quando questionado quem já tinha visto um homem chorando, dos dezessete participantes, doze tinham presenciado esta cena pessoalmente. Algumas falas:

“-Como é cruel dizer para um menino que não chore.”
“-Meu pai sempre foi um herói pra mim, sempre o imaginei como o homem mais forte do mundo, um dia o vi chorando e fiquei espantada, nunca imaginei que viria ele chorando, mas foi a coisa mais linda que já vi... meu herói chorando”.

Ao que parece, o choro masculino mesmo sendo “*lindo*”, ainda causa “*espanto*”. Poderíamos pensar o quanto esse espanto seria um sinalizador de interdição, causando talvez mal-estar em quem o expressa. Segundo Almeida (2008) o papel de gênero desempenhado por homens e mulheres, além da função psicológica, tem uma função social normativa. No terceiro momento, foi solicitado para que os participantes se dividissem em três grupos. Foi pedido para que formassem esculturas que refletissem o que pensavam sobre o que havia sido discutido por eles naquela tarde. O primeiro grupo formou uma escultura de um homem sentado lendo algo e com a expressão de choro:

“-O homem está sentado com as pernas cruzadas de uma maneira que geralmente somente as mulheres cruzam. E ele está lendo um jornal e se emocionou com uma notícia do cotidiano, não como foi falado, que para homem chorar precisa de um motivo, como morte de um familiar.” (explicação do grupo)

O segundo grupo apresentou um homem em cima de uma cadeira, de pé chorando e embaixo, três mulheres olhavam para ele. Surgiram algumas sugestões, mas a mais repetida foi a de que o homem em questão era gay. Alguns comentários:

“-As pessoas que estão embaixo devem estar achando que não é um homem, deve ser um gay.”
“-Acho que não existe nada mais feio do que um homem chorando, vamos ser sinceros, ninguém quer namorar um homem que viva chorando, eu mesma não namoraria um homem que chorasse quando a gente brigasse.”
“-O motivo do homem estar em cima de uma cadeira mais alto que os demais é que a sociedade costuma ver o homem como um ser superior, mas ele está chorando, quando as mulheres o viram tiveram diferentes reações: uma acha que ele é gay, outra fica espantada e a outra tenta fechar os olhos para não ver um homem chorando.” (explicação do grupo)

O terceiro grupo apresentou um homem sentado no chão com as pernas abertas e com uma folha em branco, olhando fixamente para o papel. O grupo explicou:

“-A carta está em branco, pois ele não consegue escrever o que sente”

Uma das pessoas que tentava entender a escultura do grupo e fez uma distinção, a de que o homossexual masculino não seria homem (“-*devem estar achando que não é um homem, deve ser um gay.*”). Como lembra Lins (2007) e Castañeda (2006), na sociedade patriarcal e machista, o homem



legítimo é heterossexual, com toda a sua gama de atributos que foi discutido anteriormente. O homem tenta a todo preço se diferenciar do universo feminino. Outra fala “-*não namoraria um homem que chorasse quando a gente brigasse*” mostra uma cultura difícil de ser mudada, talvez por aquilo que Braz (2005) tenta mostrar como mecanismos de educação. O próprio grupo deixa escapar que: “-*a sociedade costuma ver o homem como um ser superior, mas ele está chorando*”. Sem perspectivas de olhar de outra forma para o que sente, ou que as pessoas lancem um olhar de compreensão para seus sentimentos sem julgá-los como apropriado ou não para o seu gênero, resta aos homens recorrerem a defesas psicológicas contra essa devastação dos sentidos.

Conclusões

Podemos perceber que as relações de gênero são construções culturais e históricas que atravessam o tempo, cristalizando as pessoas em papéis pré-estabelecidos, onde muitas vezes em nome de uma organização, se sacrifica a felicidade individual (MENEGAZZO, 1994).

No começo da civilização, visualizamos que a diferenciação biológica de homens e mulheres proporcionou a diferenciação de atividades para eles e para elas, mas que esta divisão acabou sendo extremamente injusta para as mulheres (BEAUVOIR, 1970), porém o que parece que ninguém havia notado era que essa suposta vantagem masculina trouxe prejuízos também para os homens (SILVA, 2001). Numa sociedade injusta, sofre o oprimido e o opressor, que tenta a um alto preço sustentar sua suposta superioridade. Para Castañeda (2006), homens e mulheres são vítimas do machismo, com dores e perdas diferentes, mas ambos marcados pelo sofrimento de um ideal capenga e razão para ser. Tanto homens e mulheres ainda consideram o choro como algo “descompassado” no que é instituído enquanto masculino. Ainda há o espanto em relação ao homem extravasar suas emoções, e ainda assim, esse esvaziamento é associado a algo exclusivamente permitido frente à uma tragédia ou algo dessa esfera.

Se a dor de silenciar estiver afetando na qualidade de vida e na felicidade das pessoas como apontam as pesquisas (BRAZ, 2005), o grito da espontaneidade deve ser posto pra fora como defende o fundamento do Psicodrama. E se o choro faz alguém inferior, talvez não valha a pena ser superior, afinal, como disse um dos participantes da pesquisa “Homem chora pra dentro”. Quem sabe se aceitarmos chorar pra fora sejamos mais espontâneos.

Referências



- ALMEIDA, Juliana Barbosa Lins de. *Encontros e desencontros amorosos: Refletindo os papéis de Gênero através do Sociodrama*. Recife, Federação brasileira de Psicodrama Cosmos - Instituto de Psicodrama de Pernambuco, 2008.
- ALVES, José Eustáquio diniz. *A linguagem e as representações da masculinidade*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970.
- Bourdieu, P. *A dominação masculina*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2002.
- BRAZ, Marlene. *A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1): 97-104, 2005.
- CASTAÑEDA, Marina. *O machismo invisível*. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
- COLLING, A. (2004). A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves, CABEDA, Sonia T. Lisboa & PREHN, Denise R., *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- GIKOVATE, Flávio. *Drogas opção de perdedor*. São Paulo: moderna, 1992.
- LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda: Arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo*. Edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Bestseller, 2007.
- MENEGAZZO, Carlos M. *Magia, mito e Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1994.
- SILVA, Marco Aurélio Dias da. *Todo poder às mulheres: esperança de equilíbrio para o mundo*. São Paulo: Ed. Best seller, 2001.
- SILVA, Sérgio Gomes. *A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculina*. Brasília: Psicologia Ciência e Profissão V.26, N.01 mar. 2006.
- VICENTE, Daniel Domith e SOUZA, Lídio de. *Razão e sensibilidade: Ambigüidades e transformações no modelo hegemônico de masculinidade*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. Estudos feministas, 2001.